Biografia Artistica

de

Joaquim Rafael

1868

Minezes, cop. do natural 1855.

Joaquim Rafael

AO NOBRE MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN

OFFERECE, DEDICA

BIOGRAPHIA ARTISTICA

DE

JOAQUIM RAFAEL

PRIMEIRO PINTOR DA CORTE E CAMARA,
E DAS OBRAS DO REAL PAÇO D'AJUDA, PROFESSOR
PROPRIETARIO DA AULA DE DESENHO HISTORICO NA ACADEMIA
DAS BELLAS ARTES DE LISBOA, CAVALLEIRO
DA ORDEM DE CHRISTO, ETC.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS
Rua do Ferregial de Baixo, 22

1868

A' ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DO PORTO

E AOS

NOBRES PORTUENSES

D.

EM TESTEMUNHO DE RESPEITO

João José dos Santos.

« On doit des regards aux vivants ; on ne doit aux morts que la verité. »
(Volt. première lettre sur Œdipe.)

I.

Na invicta cidade do Porto, no anno de 1783, nasceu Joaquim Rafael. Sua infancia passou cheia d'aquelles bons cuidados que os verdadeiros paes de familia costumam empregar, quando como devem, olham com interesse para a educação dos seus filhos.

Assim o praticaram Bento José Rodrigues, e D. Maria Victoria da Costa, paes de Joaquim Rafael, moradores ao Postigo do Sol. Na idade de 19 annos aos 23 de novembro de 1802 matriculou-se na aula regia de desenho, na classe de discipulo extraordinario, sendo então professor substituto da aula, Domingos Francisco Vieira, pae do depois, insigne Vieira Portuense.

Cursando os estudos da Academia deu as mais positivas provas de vocação para as bellas artes.

Aproveitando o ensino elementar do pae de Vieira, depois com a vinda do filho Francisco Vieira, chegado de Inglaterra em 1802, o qual fôra convidado pela com-

panhia dos vinhos do alto Douro, para succeder a Antonio Jacomo Froes, na direcção da Academia, o que acceitou, com o vencimento annual de seiscentos mil réis.

Joaquim Rafael, sem duvida devia entrar em relações com o insigne Francisco Vieira, como estudante que era da Academia. Não podemos porém affirmar que estas relações fossem taes quanto bastassem para ter adquirido um grande adiantamento na arte; porque no mesmo anno 1802 Francisco Vieira foi nomeado, por decreto de 28 de junho, primeiro pintor da camara de S. M. com o ordenado de dois contos de réis, para juntamente com Domingos Antonio Sequeira, dirigir e executar as pinturas no real palacio d'Ajuda.

Já se vê que taes relações foram mui poucas, e que o nosso estudante a não ser o intimo sentimento que tinha da arte, bem pouco podia aproveitar tanto theorica como praticamente. Todavia, o genio quando se traduz em verdade, aproveita muito no pouco.

II.

Quanto á época em que o joven artista começou a tirar proveito dos seus estudos, não foi demorada; porque conhecido pelos seus patricios o dom que possuia para as artes, não tardou que o buscassem aproveitando o seu talento imaginoso e facil fazer em os variados generos da arte, e nomeadamente em assumptos sacros.

A Religião é a origem fecunda do estro artistico: Não ha quadro mais risonho que o do Eden; nenhum mais terno que o do presepe de Belem; nem de maior magestade que o do Tabor; e tão pugente de dôr, como o do Golgotha.

N'estes quatro periodos, que scenas tão de admirar como variaveis passam em frente do artista, o deleitam, o extasiam, o arrebatam!! e sentindo um impulso irresistivel, traduz no panno, no barro, no bronze as intimas

inspirações que sente imperiosamente sahirem da alma!

Se pois a Religião tem o logar supremo na alma do artista, o amor da patria não é menos elevado no seu coração. Uma época como a de 1640 gloriosa, se offerece e presta ao patriotismo, um espaço brilhante onde o valor e lealdade vão ser debuxados ao vivo.

É a restauração de Portugal sobre o jugo francez. Este facto, em o qual a cidade do Porto tomou uma gloria que a eterniza, e que a constitue sempre a primeira na participação dos acontecimentos, em que o Povo portuguez se distingue de tantos outros, nos sentimentos fervorosos das virtudes civicas; a cidade do Porto, acompanhou aquelle grande movimento tendo á frente o seu bispo D. Antonio, figurando como governador e presidente da junta, que era composta de Moura, regedor da justiça; José de Mello, capitão nomeado pelo senado da camara; doutor Gameiro, intendente geral da policia, e Bernardim Freire de Andrade, marechal e governador das armas.

Estes homens e outros, dedicados a tão sublime sacrificio, de accôrdo com os mais que havia na capital, e seguros no patriotismo de todos os portuguezes, deram a palavra de ordem, levantaram o brado generoso da liberdade e empunhando ao mesmo tempo a espada, offereceram o peito á morte ou ao triumpho — *Morrer ou Vencer*.

Taes deliberações tomaram vulto decidido no anno de 1808, e em agosto d'este mesmo anno, depois da derrota no sitio do Vimieiro, o general Junot prevendo quanto seria desastroso arriscar o proseguimento d'esta luta, assignou aos 30 de agosto a convenção, chamada de Cintra, contra a qual protestou o marechal Bernardim Freire de Andrade, a quem não fallecia animo necessario para desaggravar o nome portuguez, tão esquecido na dita convenção.

III.

Por este modo, empenhada a nação, proseguiu a lucta fazendo parte do exercito alliado; cada acção dada, era não só um passo para o triumpho, mas uma manifestação estrondosa para um regosijo nacional.

Ainda será bem presente aos individuos d'aquelle tempo, como eram recebidas as noticias do exercito anglo-luso, quando este obtinha sobre a aguia do imperio alguma vantagem.

No Porto como em Lisboa, a taes novas, seguiam-se logo espontaneos festejos, em que as pinturas allegoricas não menos que as producções poeticas appareciam com todos os seus attractivos.

Os pintores, e os poetas (então da Arcadia) voavam, uns pedindo a Apollo o plectro, outros tomando-lhe as côres dos seus raios; estes pintando grupos symbolicos; aquelles em cadente verso, cantando os feitos das lusas armas.

Joaquim Rafael, n'aquelle tempo não era de si, todo pertencia ao enthusiasmo da época. As suas producções patrioticas eram tão admiradas no Porto, como em Lisboa o eram igualmente as de Henrique da Silva, Fonseca Senior e outros.

Ainda é no Porto muito lembrado o quadro historico que Joaquim Rafael pintou por ordem das auctoridades, para se collocar no dia 8 de junho de 1808 no cruzeiro da cathedral, commemorando a restauração: É tradição que os portuenses, vendo aquelle quadro, sahiam do Templo tão commovidos e repassados de enthusiasmo, que em grupos pelas ruas, bradavam dando vivas ao artista que o concebera e executara, e gritos de indignação e de vingança aos oppressores da patria.

Este vertiginoso delirio da guerra, que a verdadeira civilisação, quando um dia chegar a ser comprehendida, que, será aquelle em que o codigo escripto pela Virtude, e confirmado pelo sangue do Martyr do Golgotha; sim, quando este codigo, que funda em si as bazes solidas da Fraternidade humana, fizer ouvir e sentir providencialmente, segunda vez, aquellas palavras: *Gloria a Deos em as alturas, e Paz na terra aos homens de boa vontade;* é então que este flagello imposto aos homens pelos homens de má vontade, ha de desapparecer da superficie da terra.

IV.

Com a quéda do homem todo cheio de ambições e gloria; que queria o mundo por throno, e apenas teve um rochedo por travesseiro, Joaquim Rafael deixou aquelles assumptos mythologicos e patrioticos, para volver outra vez aos de mais séria meditação. Em Guimarães esteve alguns mezes, e em diversas Egrejas e palacios d'aquella cidade, muitos quadros ha seus. Depois regressou ao Porto, e passado algum tempo, os monges de Tibães o convidaram a ir alli para fazer e dirigir as obras que desejavam effectuar no museu. N'este se via a Senhora da Soledade com o n.º 31 e o n.º 57 representando uma paizagem, e no centro do tecto da primeira sala, o genio da pintura é tambem obra sua.

No Porto vêem-se muitas obras do seu pincel. Em 1844 acompanhei o Sr. Conde Athanazio Raczynski em uma digressão a Lamego e Viseu, e tivemos occasião, em quanto nos demorámos no Porto, de visitarmos as Egrejas, e em quasi todas nos mostraram quadros pintados por Joaquim Rafael; tanto assim que, o Sr. Conde disse que julgava Joaquim Rafael, o Pedro Alexandrino do Porto.

N'esta cidade exercia a sua arte quando em 20 de ju-

nho de 1825, o Sr. D. João VI, por seu real decreto, nomeou primeiro pintor da camara e côrte a Joaquim Rafael. Vindo tomar posse d'este emprego, começou exercendo o seu logar no paço d'Ajuda, até que por aviso de 8 de agosto do dito anno, o mesmo augusto Senhor, ordenou que Joaquim Rafael fosse empregado em todas as reaes obras e pago conforme a sua graduação e pericia. A 4 de setembro do referido anno, por um aviso do Intendente das Obras publicas, então Duarte José Fava, ordenou Sua Magestade que Joaquim Rafael modelasse em cera a sua real effigie, bem como a de toda a real familia.

V.

Em 1826, aos 10 de março, o Sr. D. João VI foi chamado a um melhor reino, e conforme as suas ultimas vontades (decreto de 6 de março de 1826) a Senhora Infanta D. Isabel Maria, ficou com a regencia do reino, e os conselheiros o Sr. Cardeal Patriarcha, duque de Cadaval, marquez de Valladas, conde dos Arcos e os respectivos ministros de estado.

Logo no começo da sua regencia, a Senhora Infanta ordenou por aviso de 22 de abril de 1826 ao Intendente das obras publicas que fizesse pôr em andamento os assumptos de cinco esbocetos para a capella real d'Ajuda, recommendando Sua Alteza a exactidão, por serem escolha do seu augusto Pae o Sr. D. João VI.

Os assumptos eram:

Nossa Senhora da Conceição:

Santa Margarida, rainha da Escocia:

Santa Isabel, rainha de Portugal:

S. Luiz, rei de França:

S. Fernando, rei de Espanha.

Tambem Sua Alteza ordenou que annexa ás obras do paço d'Ajuda, se formasse uma academia ou escola de desenho de Bellas Artes leccionada e regida por Joaquim Rafael. Esta instituição existiu desde o anno 1826 até

1833. Era destinada a educar individuos nas artes de pintura, esculptura, architectura, paizagem, ornato e flôres, a fim de serem aproveitados nas obras do palacio, e tambem em os officios mechanicos. Durante os sete annos que durou esta escola Joaquim Rafael teve o prazer de formar 58 artistas, afóra outros muitos que tomaram diversos destinos.

Não estava Joaquim Rafael ocioso nas horas que tinha para descanço; por quanto vê-se de um attestado que o bibliothecario maior da real bibliotheca do paço d'Ajuda, o conego José Manoel de Abreu e Lima, passado aos 14 de maio de 1833, que este pede « quatro retratos em fórma de bustos que representam parte da familia real portugueza, cujos bustos são modelados em cera com todo o esmero e intelligencia para depois serem passados a marmore no laboratorio de esculptura que dirige a repartição das obras publicas, como consta do aviso que foi mandado ao dito Sr. Joaquim Rafael, e vendo eu os ditos bustos executados com toda a perfeição e guardados no estudo do dito artista, no real palacio d'Ajuda para o fim acima applicado e que poderia ter delonga até que se ultimasse a factura dos modelos para os bustos de toda a real familia, dirigi-me a Sua Magestade pelo ministerio do reino para adornar esta real bibliotheca d'Ajuda, etc. »

VI.

Curto foi o tempo da regencia de Sua Alteza a Sr.ª Infanta D. Isabel Maria; porém durante aquelles poucos annos, factos houve altamente significativos, porque decidiram positivamente o nosso destino e o nosso viver politico.

A historia já escreveu e registou a pagina d'esse tempo, que, para nós, ainda foi hontem.

Nomeado logar tenente o Sr. D. Miguel de Bragança, pelo seu augusto irmão o Sr. D. Pedro imperador do

Brasil, por decreto lavrado na côrte do Rio de Janeiro aos 3 de julho de 1827, a Sr.ª Infanta Regente convocou para o dia 2 de janeiro de 1828 a abertura das côrtes em uma das salas do paço d'Ajuda, e no discurso que pronunciou fez sciente a determinação de seu augusto Irmão o Sr. D. Pedro, e a breve chegada do Sr. D. Miguel para tomar posse da regencia; terminando — *Está aberta a sessão das camaras do presente anno de 1828.*

Aos 22 de fevereiro do dito anno, o Sr. Infante chega a Lisboa, e a 1 de junho de 1834 embarca em Sines no navio inglez Stag, que o transporta a Genova e d'aqui para onde á Providencia aprouve, até que na alvorada do dia 14 de novembro de 1866 a mesma Providencia desatou o laço que o prendia na terra do exilio, e o levou, como piamente devemos crer, á verdadeira patria dos justos.

Durante todos estes baldões politicos, Joaquim Rafael no paço d'Ajuda leccionava e dirigia os estudos da Escola ou Academia das Bellas Artes, até que em 1833 foi extincta. Vê-se porém de uma portaria que o Sr. Duque de Bragança em nome da Rainha, conservou ao artista as distincções que seu augusto Pae, e prezada Irmã lhe haviam conferido. Diz a portaria: « O Duque de Bragança em nome da Rainha, participa ao primeiro pintor da real camara Joaquim Rafael, que n'esta data se expediram as ordens necessarias ao fiscal das obras publicas, para satisfazer á sua requisição, a qual trata dos objectos que se acham nas obras d'Ajuda, e se lhe fazem precisos para levar a effeito a promptificação dos retratos de S. M. F. e de SS. MM. II. Palacio das Necessidades, 22 de novembro de 1833. *Joaquim Antonio de Aguiar.* »

Em 12 de julho de 1834, Casimiro Maria Parrella, official maior e director geral da secretaria da fazenda, escreve a Joaquim Possidonio Narciso da Silva « que ha-

ja do Sr. Joaquim Rafael o retrato de S. M. a Rainha, para o collocar na camara dos deputados. »

No mez seguinte Joaquim Rafael recebia este officio: « Á vista da copia junta, sirva-se v. m. mandar-me pelo portador o retrato de S. M. a Rainha, minha Senhora, para ser collocado na camara dos Srs. deputados, de que sou director. Deus Guarde a v. m., paço das côrtes, 13 de agosto de 1834. Sr. Joaquim Rafael. — *Joaquim da Silva*, architecto da casa real.

Já por este tempo os negocios do estado bem como os interesses do povo, íam tomando a direcção normal de um governo que, depois de forçosa dictadura, só tratava de se consolidar e procurar á nação que lhe era confiada, a maxima parte de prosperidade e paz possiveis.

Em 1835, entre os ministros da corôa, estava Fr. Francisco de S. Luiz, homem a quem as artes não menos que as lettras são devedoras de muito em Portugal. Em portaria do ministerio do reino de 11 de fevereiro de 1835 « em nome da Rainha, o Sr. Bispo conde, nomeia Joaquim Rafael membro da commissão (de que era presidente o doutor Antonio Nunes de Carvalho) para a escolha, classificação e collocação dos quadros de pintura, reunidos no deposito de S. Francisco da cidade, que deviam a seu tempo servir para a fundação de um museu nacional. A mesma augusta Senhora se compraz esperar que aquelle distincto artista desempenhará este tão agradavel como util trabalho com o zelo que o caracteriza e de que tem dado provas. »

Em 21 do dito mez e anno « S. M. a Rainha manda remetter ao fiscal das obras publicas os papeis que contém a descripção que faz o pintor da real camara Joaquim Rafael de tres monumentos, cuja feitura dos modelos lhe foi encarregada, sendo dois consagrados a perpetuar a memoria dos gloriosos feitos de S. M. I. o

Sr. Duque de Bragança e o terceiro para commemorar a batalha d'Asseiceira. Assignado: *Agostinho José Freire.* »

Em 4 de março do referido anno, o brigadeiro João José Ferreira de Sousa, presidente da commissão encarregada de formar os estatutos, para uma academia de Bellas Artes, nomeia Joaquim Rafael membro d'esta commissão.

Em 25 de outubro de 1836 publica-se o decreto estabelecendo a Academia das Bellas Artes, e Joaquim Rafael faz parte d'ella, vindo nomeado por diploma regio, professor proprietario da aula de desenho historico.

Depois d'este dia Joaquim Rafael se deu com aquelle zelo e amor aos seus discipulos, empregando o tempo lectivo todo com a dedicação mais decidida.

Em 11 de julho de 1837 o artista aggregado Antonio Rafael, foi nomeado para conduzir ao Porto os modelos dos monumentos que a camara da dita cidade alli pertendia erigir, e para o que solicitou, e S. M. a Rainha cedeu á referida camara. Era ministro então Antonio Dias de Oliveira.

A 8 de agosto, o presidente interino da camara do Porto passou um certificado, em como Antonio Rafael tinha entregado dois modelos que conduziu de Lisboa, um para perpetuar a memoria de D. Pedro IV, outro para deposito do seu coração. O presidente interino José Maria Ribeiro Pereira.

Em data de 20 de abril de 1838, o director geral da Academia, o doutor Francisco de Sousa Loureiro, nomeia Joaquim Rafael para supprir as faltas do professor da aula de pintura, por ser um artista de credito e reputação bem conhecidos.

VII.

Na primeira Exposição triennal d'Academia, (3 de dezembro de 1840) Joaquim Rafael expôz as obras seguintes:

Retrato de grandeza natural de S. M. a Rainha, tendo ao lado sobre um bofete o busto de seu augusto esposo o Sr. D. Fernando. Este retrato foi pintado para ornar a sala das sessões solemnes d'Academia das Bellas Artes, da qual SS. MM. são protectores.

Uma collecção methodica de principios de desenho historico, para servir de estudo aos alumnos da Academia.

O desenho original para a vinheta dos diplomas dos academicos Honorarios e de Merito da Academia das Bellas Artes.

Em a segunda exposição triennal (22 de dezembro de 1843) Joaquim Rafael expôz as obras seguintes:

Esculptura, os bustos de SS. MM. a Sr.ª D. Maria II e o Sr. D. Fernando:

Um baixo relevo da morte de S. Luiz Gonzaga, copia de um desenho do insigne Domingos Antonio de Sequeira:

Um baixo relevo da sua invenção, a Virgem Santissima.

Por escriptura celebrada aos 27 de abril de 1848 a Irmandade da freguezia de S. Julião, contratou com José Francisco Ferreira de Freitas (professor proprietario de paizagem e productos naturaes, na Academia das Bellas Artes, artista de reconhecido merecimento n'estes ramos de pintura) todo o trabalho que dizia respeito a pintura preciso na egreja. José Francisco Ferreira de Freitas associou a si Joaquim Rafael, e este concebeu, delineou e executou tudo que é pintura de figura que existe n'aquelle templo. Em dezembro do dito anno tudo estava concluido.

Não descrevo estas suas obras por serem patentes a

todos. A Egreja é a casa de Deos; tanto privilegio tem o andrajo como a purpura para entrar.

Encontra-se mais a 20 de junho de 1844 este recibo: Recebi e acha-se collocado na sala das sessões d'este supremo tribunal de Justiça, o retrato de S. M. a Rainha, mandado fazer pelo ministerio do reino ao artista o Ill.mo Sr. Joaquim Rafael, cujo retrato se acha adornado d'uma moldura dourada; o que tudo entregou o dito senhor. Lisboa 20 de junho de 1844. — *Egidio José Maria Telles Corte Real.*

Um outro documento passado pelo director das Bibliothecas reaes, assim: « Certifico em como no gabinete de leitura de Suas Magestades na real Bibliotheca da Ajuda, se guardam com a devida decencia quatro bustos da familia real, a saber: D. Maria I. — D. João VI. — D. Carlota Joaquina. — D. Pedro, duque de Bragança — todos modelados em cera pelo habil artista o Sr. Joaquim Rafael, primeiro pintor da real camara. Junho 26 de 1844. *A. Herculano.*

Na terceira exposição (30 de dezembro de 1852) os quadros seguintes:

1.º Um pae sendo atacado por salteadores, reconhece no meio d'elles seu filho:

2.º Rico proprietario não sabendo do pae ha muitos annos, um dia reconhece-o no estado desprezivel e de ignominia, qual era o de forçado com ferros, e trabalhos publicos; sem embargo lança-se-lhe aos pés e beija-lhe as mãos:

3.º O calumniador de Santa Isabel, soffrendo o castigo do seu crime:

4.º Tomada de Evora por Giraldo sem pavor:

5.º Ceia do Senhor:

6.º Sant'Anna ensinando sua Santissima Filha:

7.º Senhora da Conceição, padroeira do reino:

8.º S. Nicoláo repartindo seus bens pelos pobres:
9.º Jesus Christo, exposto na cruz pelo seu Eterno Pae:
10.º Ascensão de Christo:
11.º Morte de Santa Clara:
12.º Gloria e Paz:
13.º A Justiça abraçando a Clemencia.

Ainda mais este: Francisco de Assis Rodrigues, professor proprietario da aula de Esculptura d'Academia das Bellas Artes de Lisboa e director da mesma, etc. Em cumprimento do despacho antecedente, attesto que o Sr. Joaquim Rafael, primeiro pintor da real camara e côrte, tem cumprido as laboriosas obrigações de professor proprietario da aula de desenho historico..... dirigindo o ensino d'um grande numero de discipulos... comportando-se no magisterio com civilidade, zelo, intelligencia e aproveitamento dos estudantes..... tem dado boa conta de todas as commissões que lhe tem sido incumbidas por parte da Academia... Lisboa e Academia de Bellas Artes, aos 23 de junho de 1855. *Francisco de Assis Rodrigues.*

Na quarta exposição (25 de outubro de 1856) já nada ha de Joaquim Rafael. Este professor apezar da distancia, jámais perdeu a affeição ao sitio d'Ajuda, e todos os dias, elle fazia o caminho de Belem a Lisboa, ás vezes em barcos, Tejo acima, outras por terra nos omnibus, ou a pé. Este exercicio lhe era util.

No dia 20 d'abril de 1857 indo no omnibus, sentiu-se incommodado, e tanto que á Junqueira augmentando mais o padecimento, desceu e foi já a custo sentar-se no degráo de uma porta da travessa do Pateo do Saldanha. Soffria o insulto de uma paralysia, e n'este estado foi levado a sua casa.

Poucos dias depois o padecer foi crescendo, e sua familia consternada, se com desvelo procurava carinhosa remedios para o mal physico, tambem com o ardor de christã, e a boa vontade do paciente, fez que sua alma recebesse o alimento espiritual.

Depois o mal ficou soffrendo alternados symptomas, mas nunca a sua intelligencia fraqueou, e mesmo nos momentos em que a dôr menos o insultava, com o braço livre, empregava o tempo em desenhar meninos e assumptos de historia e allegoricos.

Assim esteve pelo longo espaço de annos. Só um dia, em todo este tempo, foi para elle, sem duvida, o mais alegre e de alvoroço. Este dia foi aquelle em que os alumnos da aula de desenho historico receberam a visita do seu antigo professor, conduzido nos braços de dois collegas, o viram entrar pela aula, mostrando no riso o prazer que tinha o coração, e, pelo soluço e lagrimas, a saudade na lembrança do passado.

Por certo, quiz fazer á morte esta surpreza. Não quiz que ella lhe fechasse os olhos sem ver a sua aula, e dar o derradeiro e presencial a Deos, aos seus collegas e discipulos.

Que mistura de alegria e de dôr pungente sua alma soffreria n'aquelle instante! Assim como lhe foram de prazer e saudade, poderiam pela commoção intima de tão vivos sentimentos ser-lhe funestamente mortal.

VIII.

Alguns annos depois os homens da sciencia aconselharam a mudança para o ar puramente de campo; então Joaquim Rafael foi habitar para Bemfica: aqui se demorou tempo bastante, até que por conveniencias familiares, veiu para Lisboa, morando primeiro na rua de S. Marçal, depois na rua direita da Escola Polytechnica, onde falleceu aos 14 de agosto de 1864, tendo 81 annos d'idade. Foi sepultado no cemiterio dos prazeres. [1]

[1] Joaquim Rafael do seu primeiro matrimonio com D. Maria da Purificação Rafael, houve tres filhos; depois em segundas nupcias

Joaquim Rafael tinha uma alma bondosa, o espirito alegre e folgazão; prazenteiro sempre na sociedade, seus numerosos discipulos encontraram sempre n'elle o solicito empenho de um professor, junto aos cuidados de pae. Tudo que sabia, era seu desejo communical-o aos alumnos, não poupando nem zelo, nem palavras para os adiantar. Amigo de todos, todos com o maior respeito e confiança recebiam suas lições e seus exemplos. Era um bonito quadro ver Joaquim Rafael no meio dos seus discipulos, a quem elle chamava seus meninos e seus filhos; buscavam-n'o com amor; ouviam-n'o com gosto e d'isto resultava a boa vontade dos discipulos, no amor á arte.

Não é isto favor meu; ahi estão, entre os seus muitos discipulos, os actuaes professores d'Academia que podem testemunhar esta verdade. Não faço biographias aos vivos; para que me servia pois lisongear os mortos?.... ou elles estejam, pelas suas virtudes no céo, ou para sua expiação no purgatorio, ou por condemnação no inferno, como em todos estes logares, reina a eterna justiça de Deos, eu escuso de ser julgado mentiroso perante a verdade por essencia infinita.

com D. Maria Emilia Rafael, nasceram dezoito, dos quaes só existem tres vivos: a Sr.ª D. Balbina Emilia Rafael, (esta senhora obteve o diploma de Academica de merito da Academia real das Bellas Artes de Lisboa, conferido á vista das provas da sua pericia, em produzir flôres de cera, inteiramente similhantes ás naturaes. Pela sua esmerada educação, esta senhora é dona e directora do Collegio e Pensionado de Meninas actualmente estabelecido na rua do Jardim do Regedor ao Passeio Publico.) Rafael José Rodrigues, e Bernardo Rafael Rodrigues.